

Masculinidades Negras e Discurso: subjetivações compartilhadas por homens negros no Twitter ¹

Davi Carlos Acácio²

Wedencley Alves Santana³

Universidade Federal de Juiz Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente trabalho tem como proposta observar discursos sobre masculinidades a partir de mensagens compartilhadas por jovens negros no Twitter. A partir do aporte da Análise do Discurso, investigamos como esses jovens significam a experiência e a vivência de ser negro e homem numa sociedade racista e machista. Partimos do pressuposto teórico de que a cada ato discursivo, a cada dizer, o que está em jogo é a relação indissociável entre linguagem, sujeito e história, que, portanto, abrange desde questões relativas às afetividades, quanto aquelas relativas à memória e às relações de poder.

PALAVRAS-CHAVE: mídia, twitter, discurso, masculinidades, negritude

1. NOVAS VOZES NAS REDES

As redes sociais estabeleceram um novo modo de comunicação na esfera do ecossistema midiático. Uma das perspectivas basilares à essa afirmação é observar os percursos da escrita neste processo de comunicação. Para Alves (2010) a escrita é o lugar mais premente das identificações institucionais como modalidade da língua. Segundo o autor, isto acontece porque

numa cultura em que a legitimação institucional se dá através principalmente da documentação escrita, em que a clivagem sujeito escolarizado/não escolarizado passa necessariamente por esta modalidade da língua e em que esta própria clivagem é determinante para a divisão social do trabalho e do pensamento, seja ele técnico, epistêmico ou estético, é evidente que a escrita mantém-se como lugar em que os sujeitos assumem de maneira mais visível a função de autoria, definida discursivamente, como aquela segundo a qual o sujeito, em suas posições discursivo-ideológicas, busca mais plenamente eliminar a heterogeneidade enunciativa, o equívoco e as contradições, dando seu nome em garantia. (ALVES, 2010, p. 1/2)

¹ Trabalho apresentado no GP Estética, Políticas do Corpo e Gênero, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM – UFJF). Email: davicalosacacio@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor associado I da Faculdade de Comunicação da UFJF, graduação e mestrado (linha mídias e processos sociais). Email: wedencley@gmail.com

Desta forma, “documentação escrita”, “a divisão social do trabalho e do pensamento” e a separação dos sujeitos entre autorizados e não autorizados ao domínio da linguagem são atribuições que caracterizam registros de memórias, que, antes das redes, eram privilégios das tradicionais empresas de comunicação (LOPES e ALVES, 2011).

O fato de haver um já-dito que sustenta a possibilidade de todo o dizer/compreender – interdiscurso, segundo Orlandi (2005) – faz com que os sujeitos da interlocução compartilhem uma ligação com a memória. É a partir deste contrato de memória que autor/leitor estabelecem sentidos, a depender da filiação discursiva de cada um nesta rede de memória. Ao escrever o autor imagina um leitor e inscreve na materialidade do dizer marcas do semblante deste leitor imaginado; ao ler, o leitor, posicionado discursivamente, projeta a imagem do autor neste gesto de leitura. O efeito de sentido entre interlocutores é marcado por coincidências e fissuras.

Na mídia tradicional impressa, a relação entre autores e leitores é verticalizada, “com o leitor ocupando mais ou menos uma posição de recepção na maioria das vezes, identificação esta evidentemente imaginária, pela qual se apagaria a própria produção de sentidos na leitura”. (ALVES, 2010, p.7).

Quando afirmamos que há um apagamento imaginário da produção de sentidos na leitura, estamos, pela Análise do Discurso, em forte desacordo com concepções que reservavam aos leitores um caráter receptivo. O que há sempre é a produção-leitura, tanto nas mídias tradicionais, quanto nas redes, mudando na verdade os modos em que esta produção-leitura se dá – muitas vezes com gestos de escritura complementar à atividade leitora, aí sim, não plausíveis antes das redes.

O cuidado enunciado acima não desfaz o fato de que nas redes os sujeitos encontram um novo modo de significação, de discursividade, ou seja, através de “práticas de linguagem que tendem à metaforização das relações sociais e das práticas dos sujeitos que, por meio do acesso deslocam o campo da ‘luta’ para uma inscrição na forma digital.” (DIAS, 2016, p.10)

Ao escrever através de postagens nas redes sociais sobre cotidiano, trabalho, afetos, relações sociais, os sujeitos apoderam-se da escrita – apesar das postagens poderem estar acompanhadas de imagens, vídeos ou sons, a escrita prevalece – de modo que ela permaneça legítima, mas produzindo novos sentidos neste processo de significação.

Dias (2016) buscou produzir uma compreensão da escrita no digital, considerando as tecnologias digitais e a maneira como esses dispositivos que, segundo Robbin (*apud* Dias, 2016) se manifestam pela emergência de uma escrita pressionada pela oralidade, produzem uma determinação ao corpo na forma da escrita, da grafia, produzindo, assim, o que a autora denomina “corpografia” (DIAS, 2016).

O que chamei corpografia, é, portanto, essa textualização do corpo na letra, na tela, pelo afeto, produzindo uma escrita (e um corpo) afetada pelo digital. “Corpo que se textualiza”, nos ensina Orlandi (2001, p. 213). E essa textualização tem suas características, dentre as quais, inclui o corpo e o afeto (o outro). Acontecimento do corpo na língua e na escrita. A escrita como significante do afeto. Escrever no online seria um gesto que escreve o corpo. (DIAS, 2016, p.12-13)

Para as ambições deste artigo, é de suma importância compreender o conceito de corpografia proposto por Dias (2016) e a noção de reversibilidade, retomada por Alves (2010):

O conceito de reversibilidade relativiza a questão do lugar dos interlocutores. Pela noção de reversibilidade, propõe-se não se fixar mais “o locutor no lugar do locutor e o ouvinte no lugar do ouvinte”, mas tratá-los como pólos que se definem um pelo outro, caracterizando nessa relação o espaço da discursividade (ORLANDI, 1996). Ora, a reversibilidade é, portanto, uma condição do discurso, na medida em que em última instância permite a interlocução, e a identificação dos interlocutores com o discurso. É a capacidade de “estar no lugar do outro”, que caracteriza a reversibilidade. (ALVES, 2010, p.10)

Através destas formas de imersão do sujeito nas redes sociais, pretende-se analisar os discursos de homens negros no Twitter, buscando compreender como significam seus afetamentos e suas afetividades numa rede de significações produzidas através das postagens e conversações no site.

2. NOVAS VOZES NAS REDES E O BLACK TWITTER

Pesquisas e elaborações conceituais próprias ao campo da comunicação reafirmam há algum tempo a relevância das mídias – tanto tradicionais quanto em rede – para compreender a constituição, formulação e circulação de sentidos em sociedades contemporâneas. Num primeiro momento, a afirmação acima parece dizer respeito aos modos de dizer e aos seus significados. Conceitos como bios midiático (SODRÉ, 2002), ecossistema midiático (CANAVILHAS, 2015), no entanto, apontam para uma relevância

incontornável de meios e redes, para não dizer centralidade, no estabelecimento dos modos de dizer, agir, pensar de sujeitos contemporâneos.

Esta compreensão se acentua com o advento das redes, e particularmente das redes sociais - que permitem interações entre sujeitos, sejam essas relações formais, informais, configuradas por demandas subjetivas, podendo ser organizadas institucionalmente a partir da atuação coletiva de grupos com objetivo de alcance específico.

Os espaços dos meios digitais apresentam intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento. Apesar disso, não deixam de comportar relações de poder expressas nas disputas, hierarquias e assimetrias que constituem a esfera da comunicação e da cultura. As redes sociais expressam uma forma de contiguidade, de conexão e formação de laços que, de certa forma, podem afetar as relações subjetivas e as participações sociais do sujeito. Assim, podendo ou não produzir mudanças concretas na vida dos indivíduos ou das organizações.

Assim, na tentativa de pluralizar as representações do negro no universo midiático, observa-se a agência de pessoas negras – pertencentes ou não a movimentos negros- produzindo conteúdos através das redes, tais quais Facebook, Instagram Twitter e YouTube.

O Twitter é uma rede social que permite uma dinâmica fluida no alcance das postagens. Criada em 2006, a plataforma tem no seu espaço de postagens a seguinte indagação: “o que está acontecendo?”. Nesta perspectiva, é relevante trazer novamente o conceito de “corpografia” (DIAS, 2016), uma vez que a rede social convida o usuário a compartilhar publicamente suas subjetividades em até 280 caracteres.

Ali, é possível construir um perfil virtual, escolher quem “seguir” e ser “seguido” por outros usuários, que, por sua vez, podem ver suas postagens – chamadas pelos usuários da rede de *tweet* – de forma instantânea.

Dentro desta rede social, uma parcela de jovens negros vem se situando e se significando através de uma comunidade virtual dentro da plataforma, denominada Black Twitter. O Black Twitter se apresenta como uma comunidade sem fronteiras, na qual a condição de participação é ter pessoas negras afim de compartilhar desde suas subjetividades e situações cotidianas até debates relacionados à questão de gênero, política, economia etc.

A pesquisa, até então, não conseguiu localizar se há um exato momento em que é estabelecido o nome Black Twitter para significar as atividades executadas pelos que

desfrutam da rede social. É sabido que, a partir de grupos em aplicativos de mensagens instantâneas, disseminou-se a ideia para que pessoas negras seguissem outras pessoas negras. Através de *hashtags* como #afrosegueafro, #blacktwitter e #afrorevoltado, usuários do Twitter puderam seguir os pares étnicos com os quais se identificavam, assim idealizando uma outra proposta da comunidade: que negros e negras se seguissem para compartilhar suas subjetividades e criar um diálogo aberto com o máximo de pares possíveis.⁴

A estratégia de transformar e significar este ambiente enquanto comunidade pode ser interpretado como uma tentativa de solidificar os laços de uma população que não encontra debates e discussões acerca de seus afetos e afetividades em mídias tradicionais.

3. MASCULINIDADES NEGRAS E OS PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO

“Todos sofremos dentro da condição humana, certamente em graus muito diferentes determinado pelos privilégios.” (FRANSCISCO, 2019, p.11). Diante desta afirmativa – dada por uma pesquisadora, psicóloga e psicoterapeuta corporal – este artigo dedica-se a discutir a questão do sofrimento, dos afetos, do mal-estar dos corpos – numa perspectiva interseccional – afim de trabalhar a questão étnico-racial, propondo o diálogo sobre as relações e vivências da população negra e, numa perspectiva de gênero, falar sobre as masculinidades, assim direcionando o debate para o campo das masculinidades negras.

Segundo a psicanalista Neusa Santos Sousa, “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro.” (SOUSA, 1983, p.77) Uma vez que, segundo a autora,

no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. (SOUSA, 1983, p.77)

Uma vez que no processo de colonização a população negra teve sua linguagem, religiosidade, valores e cultura deslegitimados, além de seus corpos desumanizados, o maior país habitado por pessoas negras fora do continente africano e segundo maior país com população negra do mundo reduz, conscientemente, um ideal, um paralelo de

⁴ Informações obtidas em conversa informal com Rick Trindade em junho de 2019.

individualidade social. A estes corpos – como forma de domesticação – é oferecido o ideal branco-europeu. A partir disso

você passa a ter uma nova existência, abraçando o branco investido de valores europeus, ditos superiores, racionais, universais, civilizado, culto. Tudo isto irá constituir a pessoa negra por séculos. A pessoa branca como um corpo humano e o do negro desumanizado com o perverso propósito da dominação. Sua mente e corpo passam a ser dominados. A beleza no espelho será o outro. A identidade foi construída por olhares alheios. (FRANSCICO, 2019, p.11)

Este modelo de identificação passa a ser estruturante nas relações sociais dos sujeitos. O “fetiche da brancura” como caracteriza Sousa (1983) antecede as manifestações históricas dos indivíduos reais, atravessando os sentidos do sujeito negro. “O fetichismo em que se assenta a ideologia racial faz do predicado branco, da brancura, o ‘sujeito universal e essencial’ e do sujeito branco um ‘predicado contingente e particular’”. (SOUSA, 1983, p.4). Num processo de sociabilidade, a brancura é então “abstraída, reifica, alçada à condição de realidade autônoma, independente de quem a porta enquanto atributo étnico ou, mais precisamente, racial” (SOUSA, 1983, p.4).

Conceitos como o de “democracia racial”, estabelecido por Gilberto Freyre (1933), no qual o autor discorre que a partir das relações estreitas entre senhores de engenho e povos escravizados, fundamentando uma miscigenação continuada entre ameríndios, descendentes de africanos e brancos europeus que levaria à população brasileira a um estado de “metarraça” (FREYRE, 1933). Outro eufemismo racial usado por Freyre na perspectiva de racionalizar as relações inter-raciais é o termo “morenidade”, cujo objetivo é o “desaparecimento inapelável do descendente africano, tanto fisicamente, quanto espiritualmente através do malicioso processo do embranquecer a pele negra e a cultura do negro.” (NASCIMENTO, 2016, p.29/30). Estes neologismos ajudam a sedimentar um pensamento que horizontaliza as relações entre os indivíduos de diferentes etnias, obscurece a realidade do racismo e forja um ideal de igualdade racial.

Assim, padece o conflito entre o ideal branco *versus* o mito negro – representado pelo irracional, o feio, o sujo, o ruim, o superpotente e o exótico. A violência racista que designa um lugar subalterno e estereotipado ao corpo negro negocia um projeto que atravessa o inconsciente, cujo desejo estabelecido é o desaparecimento do corpo negro. Ao atingir este estágio de alienação, o negro enxerga uma única alternativa: “eliminar a diferença assemelhar-se ao branco, trocando a pele física, cultural e intelectualmente.” (MUNANGA, 2016, p.111)

Desta maneira, Sousa (1983) explicita como a violência racista perpassa de forma crucial ao corpo. .

a ideologia de cor é, na verdade, a superfície de uma ideologia mais daninha, a ideologia de corpo. De fato, parece-nos evidente que o ataque racista à cor é o 'close-up' de uma contenda que tem no corpo seu verdadeiro campo de batalha. Uma visão panorâmica, rapidamente, nos mostra que o sujeito negro ao repudiar a cor, repudia, radicalmente o corpo. (SOUSA, 1983, p.5)

Começamos este trabalho ressaltando o lugar da escrita como o que exige a maior legitimação social. Para o negro, este ato da escrita, ainda mais por ser midiaticado, traz implicações ainda maiores, porque, como lembrou Lélia Gonzalez⁵ (1980), ao longo da história “temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos)”. Ou ainda o lugar reservado à repetição, como lembra Suelly Carneiro, “em nome do juízo”. (2002)

Neste trabalho especificamente, sem desconsiderar novas formulações sobre “lugares de fala”, prosseguimos com a questão analítico-discursivas das posições-sujeito ocupadas por indivíduos negros identificados com a discussão sobre suas afetividades. É evidente que nem todos os negros identificam-se com ou se filiam a esta formação discursiva, qual seja: aquela que lhe apresenta a demanda de dizer-se negro em sua subjetividade.

A relação subjetiva com o corpo estão fundamentadas nas experiências psíquicas – dor, prazer, emoções – que imputam ao corpo estabelecer sentidos. Este corpo (negro), morada de diversas vivências, imerso num país racista, vive à espreita de que a qualquer momento ele pode atacar, seja de forma estrondosa ou sutil. Ainda que historicamente a sociedade – através de conceitos como o de “democracia racial” já expostos aqui – normatiza conflitos raciais, deslegitimando o sofrimento dos corpos negros. Ainda que normatizada a violência racista impacta e fragiliza os corpos negros.

Em entrevista ao canal Trip TV, Pedro Paulo Soares, o Mano Brown, vocalista do grupo de rap Racionais MC's fala sobre uma de suas vivências, a qual pode ser usada como exemplo para as relações de conflito estabelecidas entre cor e corpo numa sociedade racista. Na altura dos cinco minutos e 34 segundos de vídeo, Mano Brown relembra uma situação vivida no ambiente escolar e declara:

⁵ E aqui assumimos a atitude política de jamais apagar os pensadores brasileiros que nos fizeram chegar até aqui, daí recorrência de pensadores basilares como Lélia Gonzalez, Neusa Sousa, Abdias Nascimento, Suelly Carneiro e Muniz Sodré, mais à frente.

“Eu lembro uma vez na escola, Copa do Mundo de 78, França e Itália, eu nunca vou esquecer. Aí eu fui falar, deixei escapar que meu pai era italiano na hora do jogo Itália com França, os moleques começou tudo rir: nunca vi italiano de cabelo duro. Gargalhada dos colegas [sic]. Italiano de cabelo duro... fodeu! Pra que que eu fui falar isso? Nunca mais eu falei isso. Eu fui, é mermo eu sou meio moreninho. Sou meio moreninho, não dá pra falar que é italiano não com esse cabelo aqui não vai dar não. Minha mãe que fala, ela faz questão: seu pai era italiano. Ela faz questão de lembrar. Mas também nunca pude de levar essa de italiano não, meu! Eu vivi que nem preto, morô meu!? [sic] Vivi que nem preto, comi que nem preto, vivi vida de preto não é igual de italiano não” (TRIP, 2016)

Nota-se na fala de Mano Brown que há alguns lugares demarcados. Conceitos como a morenidade de Freyre (1933) aparecem no discurso do cantor. Observa-se também o conflito do lugar de identificação do corpo negro. Mano Brown idealiza um lugar de identificação branco e, atravessado por uma violência racial tem de ressignificar esse lugar, há neste instante um deslocamento para o identificar-se como negro. Na condição de lugar destes corpos, percebe-se na fala do cantor um imaginário demarcado entre “vida de preto” e “vida de italiano” – no caso, brancos.

Uma vez que, de acordo com Sousa (1983), a identidade do sujeito depende de certa forma da relação que ele cria com o corpo. O passado histórico da escravidão, a desumanização e os processos de higiene, a partir da eugenia, os corpos negros constituem um obstáculo à construção de uma identidade social, o negro tem seu processo de individualização comprometido. “Um corpo que não consegue ser absolvido do sofrimento que infringe ao sujeito torna-se um corpo perseguidor, odiado, visto como foco permanente de ameaça de morte e dor.” (SOUSA, 1983, p.6).

Muitas vezes, como no caso de Mano Brown, este processo de identificação é atravessado por uma violência racista. Numa sociedade que camufla um problema social reproduz efeitos do senso comum que violenta os corpos negros, silencia-se o racismo que assume uma condição de fantasma enquanto assombra a existência dos negros.

É necessário que “o sujeito construa enunciados sobre sua identidade, de modo a criar uma estrutura psíquica harmoniosa, é necessário, que o corpo seja *predominantemente* vivido e pensado como local e fonte de vida e prazer” (SOUSA, 1983, p.6).

Quando o processo de construção de identidade acontece de maneira violenta – como em casos de discriminação racial - estes afetam a possibilidade da construção de uma individualidade social e, de certa forma, podem marcar um período no qual estes conflitos sociais podem gerar questionamentos a respeito da condição, do lugar social. A

descoberta de ser negro deve ser mais que a constatação do óbvio, o significante negro precisa significar não apenas cor da pele, mas identidade.

Ao permear as relações das construções das identidades negras e sua inferência nas relações sociais, filtra-se aqui outra subjetividade que recai sobre o objeto, a questão das masculinidades.

De acordo com o conceito de “masculinidade hegemônica”, dado por R. W. Connell (1995), que abarca as pré-disposições sociais que são esperadas do homem patriarcal: insensibilidade, virilidade, comportamentos de imposição frente à corpos femininos e dominação. Esta forma de masculinidade necessita da demonstração pública não para provar o que os homens mais poderosos são, mas mostrar o que sustenta seu poder motivando outros homens à apoiá-los – uma vez que este sentido de masculinidade depende da aprovação de outros homens para legitimar-se hegemonicamente.

A função ideológica deste modelo é explicitado: embora não necessariamente represente a maneira de ser nem dos homens da elite nem dos homens subordinados, a cumplicidade de todos com a masculinidade hegemônica explica-se pelo fato de que é a expressão cultural da sua dominação sobre as mulheres, que legitima e naturaliza práticas de subordinação. (GIFFIN, 2005, p.53)

Para efeitos de comparação, é importante que se esclareça que o modelo de masculinidade hegemônica proveniente do patriarcado, tem lugar demarcado na sociedade europeia. Este mesmo modelo significa historicamente homens negros como perigosos, preguiçosos e fracassados. É na perspectiva da imanência da moralidade como característica do homem civilizado, o homem negro é renegado à esta posição, seguido de estereótipos raciais, como destaca Sodré (1999).

Ao se denegar no real-histórico a plena alteridade humana do indivíduo negro, este torna-se objeto de uma valoração negativa explicitada nos discursos sociais e introjetada nas consciências não só dos sujeitos brancos, mas também, potencialmente, de negros. Naturalizando e universalizando essa negatividade, a narrativa romanesca gera um efeito *ético* de significação da pele negra como evento do Mal. (SODRÉ, 1999, P.159)

É a partir dos estereótipos que muitas das vezes se oferece um lugar de identificação aos homens negros, reduzindo os homens negros à uma masculinidade homogênea, um “ideal monolítico de masculinidade” (HOOKS, 2019, p.172). Estes conflitos das masculinidades criado pelo ideal eurocêntrico, faz com que muitos homens

negros ajam em cumplicidade com o status quo, perpetuando estereótipos e sendo moldados por essas representações. (HOOKS, 2019, p.174).

Falar, admitir ou representar sentimentos e afetividades estão na contramão do ideal de masculinidade hegemônico proposto por Connell (1995) e a masculinidade supremacista branca patriarcal retratada por Hooks (2019), são impostas como paradigma de masculinidade.

Dito isso, o *corpus* de análise deste artigo propõe-se a mostrar como homens negros relatam seus afetamentos e suas afetividades no Twitter.

4. *CORPUS DE ANÁLISE*

Neste capítulo, o artigo propõe-se a discutir duas postagens vinculadas ao Twitter que se desencadearam em diálogos onde mais usuários da rede comentaram acerca da discussão central publicada. A escolha das postagens analisadas foram feitas por um recorte temporal de viabilidade material – publicações do ano de 2019. Além disso a pesquisa tentou identificar possíveis usuários influentes na rede que tratam da temática abordada⁶.

Para pontuar os enunciados dados em cada postagem será usado a letra “T” e para identificar as respostas a letra “R”, a fim de organizar a sequência em que o diálogo é estabelecido. Por questões éticas os nomes usados nas redes sociais pelos usuários serão preservados, assim, as “arrobadas” que os identificariam serão ilustradas por letras. A análise descritiva busca dar conta dos elementos presentes nos dizeres dos interlocutores.

T1: Entro no Instagram e: Por isso q falo que quando a gente fala de autoestima a gente precisa falar de quem. Essas páginas a maioria não me representa e muitas vezes fazem com que eu me sinta pior ainda. Pq eu não me vejo. Não sou bom, bonito, atraente... (@A em *tweet* publicado dia 27/05/2019 às 15h41⁷)

O *tweet* publicado por @A rebate uma postagem em outra rede social na qual uma foto tem dois homens negros e a legenda diz: “Oq traz o recado// oq quer ficar com vc”, ironizando uma situação de afeto e, conseqüentemente, desprezando um dos corpos. Os dois homens na foto são negros, sendo o desprezado negro mais retinto e vestido de forma

⁶ Evidentemente só será possível chegar aos verdadeiros *hubs* do Twitter e usuários que abordam a temática das masculinidades negras a partir de uma mineração de dados. Este é um objetivo para os próximos passos propostos da pesquisa em andamento.

⁷ Disponível em: <https://twitter.com/RickTrindade/status/1133080844455825409>. Acessado dia 26/06/2019 às 18h32

que, por muitas vezes de acordo com dizeres e olhares do senso comum afasta a humanidade daquele homem, caracterizando-o como um mal elemento social.

Nesta perspectiva, o modo como vestir-se desloca o homem negro para diversos lugares no meio social. Em contrapartida, o outro homem que aparece na postagem é menos retinto e se veste de forma aceitável dentro de um padrão estabelecido no senso comum.

O questionamento feito na postagem através do Twitter confronta o posicionamento da página no Instagram que, tem como intuito fazer publicações direcionadas à pessoas negras de forma a trabalhar a autoestima das mesmas. No entanto, que autoestima é essa trabalhada quando um dos pares é desprezado, é representado como feio? Este é o ponto trazido pelo @A que através do post não se sente representado e descreve como isso o afeta ao dizer que não se sente bem e tampouco significado como bonito, qualificado e atraente.

Tornar público o sofrimento, o mal-estar adquirido a partir de situações que insistem significar corpos negros sob perspectiva de um ideal branco é um ato de coragem desses homens uma vez que ao falar de mal-estar, dos afetamentos sofridos, confrontam a ideia de masculinidade hegemônica estabelecida. Se tratando de homens negros, onde historicamente o lugar de sofrimento o é negado, se colocar neste lugar historicamente é ter sua sexualidade, sanidade e capacidade questionadas socialmente. Por outro lado, pautar o mal-estar nos diálogos na rede é, dentro de um movimento como o *Black Twitter*, gerar empatia, criar laços e confrontar e questionar acontecimentos antes naturalizados. O *tweet* apresentado em “T1” teve 54 respostas diretas (rd’s), 580 *retweets* (rt’s) e 2.939 curtidas. Dentre as respostas, a grande maioria estabelecem um diálogo criticando a postura da página questionada por @A. As pessoas que participam deste diálogo são em grande maioria negras – identificadas a partir das fotos nos perfis.

RD1: “3758 curtidas. Se for olhar, vai ver a quantidade de gente preta que compactua com esse tipo de pensamento. Ainda hoje o padrão negro de beleza é branco. O padrão de escolhas também.” (@B em *tweet* publicado dia 27/05/2019 às 15h43⁸)

Na resposta dada a postagem principal @B que é homem negro retoma questões trazidas no desenvolvimento deste artigo. O jovem lamenta que há pessoas negras que

⁸ Disponível em: <https://twitter.com/alamoju/status/1133081256646848513>. Acessado em: 26/06/2019 às 18:52

compartilhem de um ideal que refuta qualidades em pessoas negras, reafirmando o espaço do branco como positivo e o preto como negativo para pautar nossas escolhas estéticas.

RD2: “Mano, tu é bonitão! Torço para que consiga cultivar sua autoestima e se enxergar da melhor forma que existe! E o elogio não é apenas para a parte exterior, vi uma foto sua e percebi q vc já demonstra bondade através do seu olhar, então já sei que vc é bonito de todas as formas” (@C em *tweet* publicado dia 28/05/2019 às 22h55⁹)

Num contraponto ao conteúdo do Instagram e reforçando as relações de contiguidade, chama a atenção o comentário de empatia feito por @C. O rapaz negro demonstra-se solidário e elogia o colega na rede numa demonstração de afeto.

Vê-se um homem negro demonstrando afeto por outro homem negro, elogiando sua beleza estética com o intuito de levantar sua autoestima, combatendo a violência racista que insiste em entristece-lo. Esta atitude irrompe o que se espera de um homem negro – caracterizados como fortes, viris e assentimentais. Por isso, este tipo de comentário atravessado ao senso comum pode gerar um discussão sobre a sexualidade do ator.

T2: “Homem preto morrendo em supermercado; enforcado em agência bancária; humilhado no próprio trabalho; preso mesmo sem provas; fuzilado no próprio carro.. Eu não tenho nem força mais pra argumentar sobre casos tão recorrentes.” (@D em *tweet* publicado dia 07/04/2019 às 20h41¹⁰)

A violência racial desgasta e mata corpos negros afetados por ela. Os casos descritos no *tweet* de @D – que teve 16 rd’s, 1.973 rt’s e 6.913 curtidas – são respectivamente: o assassinato de Pedro Oliveira Gonzaga após sofrer um “mata-leão” dado pelo segurança do supermercado¹¹; o caso de Crispim Moreira, que, após constrangimento de esperar por quatro horas a um atendimento foi estrangulado por policiais dentro de uma agência bancária¹² na Bahia; o vídeo gravado e postado nas redes sociais por duas garotas brancas dizendo para um rapaz negro “lamber o chão”

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/DenesJunio/status/1133190117735194630>. Acessado em: 26/06/2019 às 19:21

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/geocaio/status/1115036841894469633>. Acessado em 26/06/2019 às 20:03

¹¹ Homem negro agredida em agência bancária. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/ao-lado-da-filha-de-15-anos-empresario-negro-e-retirado-com-mata-leao-de-agencia-bancaria/>. Acessado em: 14/07/2019 às 13:21

¹² Caso do jovem assassinado por segurança em supermercado. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/jovem-morto-por-seguranca-em-supermercado-tinha-um-filho-lutava-contras-drogas-23457713.html>. Acessado em: 14/07/2019 às 13:15

enquanto o mesmo limpava o piso de uma lanchonete¹³; a prisão do dj Renan da Penha – famoso por tocar no Baile da Gaiola no Rio de Janeiro - acusado por associação ao tráfico¹⁴ e o fuzilamento do músico Evaldo Rosa dos Santos que teve o carro alvejado por uma patrulha do Exército quando se dirigia para um chá de bebe na Zona Oeste do Rio. Foram disparados 80 tiros contra o carro¹⁵, Evaldo morreu no local.

Comentar sobre esses casos é tentar despir o imaginário de democracia racial no Brasil. É mostrar que o racismo se materializa de diversas formas por aqui, ele atravessa o inconsciente que verbaliza ofensas até o dedo que se movimenta e puxa o gatilho. Ser negro e ter a consciência que está sujeito a situações como as apresentadas no *tweet* é ser afetado pelos acontecimentos recorrentes de violências com seus pares. Há um mal-estar gerado e identificado no enunciado de @D.

RD3: “Na moral, chorei igual criança hoje por causa disso aí e todas as coisas aí... E medo de ir pro trampo, dar um rolê, sair pra correr só aumenta saca... Vai crescendo uma revolta...saca?! pela impunidade do sistema... Cada vez mais é hora de cuidar dos nossos” (@E em *tweet* publicado 08/04/2019 às 23:14¹⁶)

Os acontecimentos de violência racial trazidos no *tweet* principal geram afetamentos direto em um dos jovens que participam da linha de conversa. O sentimento de medo para práticas cotidianas realizadas fora do ambiente doméstico alia-se ao sentimento de revolta por ser obrigado a passar por essa situação. Outro local que pode ser confrontado é a situação em que @F afirma ter chorado, uma vez que como já falado neste trabalho, o sofrimento não é um lugar assumido por corpos negros.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos *tweets* pode-se perceber um processo de reivindicação de um lugar socialmente negado aos homens negros. Os *posts* agem tal qual o conceito de “corporeidade” trazido por Dias (2016) no começo deste trabalho.

¹³ Ofensas raciais a funcionário de lanchonete. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policial/jovens-sao-acusadas-de-racismo-nas-redes-ao-destratar-funcionario-de-lanchonete-23567355.html>. Acessado em 14/07/2019 às 13:24

¹⁴ Justiça determina prisão do Dj Renan da Penha. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/22/justica-determina-prisao-de-dj-rennan-da-penha-e-mais-10-envolvidos-no-baile-da-gaiola.ghtml>. Acessado em 14/07/2019 às 13:31

¹⁵ Homem fuzilado por agentes do exército. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/militares-do-exercito-matam-musico-em-abordagem-na-zona-oeste-do-rio.shtml>. Acessado em 14/07/2019 às 13:38

¹⁶ Disponível em: <https://twitter.com/dilenondelfino/status/1115437855780765696> Acessado em: 26/06/2019 às 21:00

Através dos deslizamentos de paradigmas como o de beleza e inteligência, ressignificando estes atributos aos corpos negros, os pares se fortalecem em comunidade no Black Twitter. Percebe-se também no conteúdo *tweetado* narrativas sobre o cotidiano destes homens, os afetamentos produzidos pela violência racial – seja ela subjetiva ao corpo individual ou de seus pares – e os encontros à essas violências.

O Black Twitter configura como uma rede que fortalece o debate interseccional entre raça e gênero, sedimentando um lugar onde homens negros externalizam suas relações sociais e subjetivas, seus afetamentos e suas afetividades à modo de ressignificar e produzir novos conceitos de masculinidades negras.

Pode-se, então, considerar o debate de masculinidade negra proposto no Black Twitter um movimento político interessante, investido de poder por uma massa conjunta, e uma ferramenta comunicacional poderosa para ampliar debates. “Quando a atenção é dirigida àqueles homens negros que se opõem ao machismo, que são desleais ao patriarcado, a possibilidade de mudança, de resistência, é afirmada” (HOOKS, 2019, p. 192-193).

REFERÊNCIAS:

ALVES, Wedenclay. **Vocalizações e gestualizações**: produção de sentido na escrita e na leitura em rede. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2010, Caxias do Sul, RS. **Anais**: Caxias do Sul: UCS, 2010. p. 1-12.

ARAÚJO, Vera. Jovem morto por segurança em supermercado tinha um filho e lutava contra as drogas. **Jornal Extra**. Rio de Janeiro, 15 fev. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/jovem-morto-por-seguranca-em-supermercado-tinha-um-filho-lutava-contras-drogas-23457713.html>. Acesso em: 14 jul. 2019

BARROS, Gisele. Jovens são acusadas de racismo nas redes ao destratar funcionário de lanchonete. **Jornal Extra**. Rio de Janeiro, 02 abr. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/casos-de-policial/jovens-sao-acusadas-de-racismo-nas-redes-ao-destratar-funcionario-de-lanchonete-23567355.html>. Acesso em: 14 jul. 2019

CANAVILHAS, João. O novo ecossistema midiático. Covilhã [Portugal]: Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação, 2010

CARNEIRO, S. A questão dos direitos humanos e o combate às desigualdades, discriminação e violência. Brasília: Correio Braziliense, maio de 2002

CONNELL, R.W. **Masculinities**: knowledge, power and social change. Berkeley and Los Angeles, California: University of California Press, 1995.

DIAS, Cristiane. **A análise do discurso digital**: um campo de questões. REDISCO, Vitória da Conquista, ES, n.2, 2016.

FILHO, Silvio de Almeida Carvalho. **A Masculinidade em Connell**: os mecanismos de pensamento articuladores de sua abordagem teórica. In: XIII Encontro de História Anpuh-Rio. 2008, Seropédica, RJ. **Anais**: Seropédica: UFRRJ, 2008. p. 1-4.

FRANCISCO, Maria Cristina. **O corpo e a constituição do sujeito**. Instituto AMMA Psique e Negritude, São Paulo. 2019: Disponível em: < <http://www.ammapsique.org.br/baixa/2019/o-corpo-e-a-constituicao-do-sujeito.pdf> > Acesso em: 15 jun. 2019.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Global, 2003.

G1 Rio. Justiça determina prisão de DJ Rennan da Penha e mais 10 envolvidos no ‘Baile da Gaiola’. **G1 Globo**. Rio de Janeiro 22 mar. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/03/22/justica-determina-prisao-de-dj-rennan-da-penha-e-mais-10-envolvidos-no-baile-da-gaiola.ghtml>. Acesso em: 14 jul. 2019.

GIFFIN, Karen. **A inserção dos homens nos estudos de gênero**: contribuições de um sujeito histórico. Núcleo de Gênero e Saúde, Departamento de Ciências Sociais, Escola Nacional de Saúde Pública, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Apresentado na Reunião do Grupo de Trabalho "Temas e Problemas da População Negra no Brasil", IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 1980.

HOOKS, Bell. **Olhares Negros**: raça e representação. São Paulo: Editora Elefante, 2019.

LOPES, Flávia Valério; ALVES, Wedencley. **Discurso e rede sociais**: o caso “Voz da comunidade” Ciberlegenda, Niterói, RJ, n.25, 2011. Disponível em: < <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/489/286> > Acesso em 18 jun. 2019.

MUNANGA, Kabenguele. **Negritude afro-brasileira**: perspectivas e dificuldades. Revista de Antropologia - USP, São Paulo, n. 33, 1990.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NOGUEIRA, Italo; PAULUZE, Thaiza. Exército dispara 80 tiros em carro de família no Rio e mata músico. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 8 abr. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/04/militares-do-exercito-matam-musico-em-abordagem-na-zona-oeste-do-rio.shtml>. Acesso em: 14 jul. 2019.

REDAÇÃO. Ao lado da filha de 15 anos, empresário negro é retirado com ‘mata-leão’ de agência bancária. **Revista Fórum**. São Paulo, 26 fev. 2019. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/ao-lado-da-filha-de-15-anos-empresario-negro-e-retirado-com-mata-leao-de-agencia-bancaria/>. Acesso em 14 jul. 2019

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho** Uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TV, Trip. **Mano Brown estrategista, armado e romântico**. São Paulo, 8 dez. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I57nwNrwMR8>. Acesso em: 16 jun. 2019

TWITTER. Disponível em:< twitter.com >. Acesso em 26 jun. 2019